

# O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM JONH DEWEY: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EPISTEMOLOGIA NATURALIZADA.

**Maurozan Soares Teixeira<sup>1</sup>**

Este estudo tem por objetivo investigar o conceito de experiência em John Dewey, sobretudo, as contribuições que este filósofo apresenta para uma epistemologia naturalizada. É a partir da noção de *experiência* no pragmatismo deweyano, enquanto uma atividade de cunho evolucionista, no qual organismos fisiológicos, seja o homem, sejam os animais inferiores, empenham-se em adaptações ao ambiente para manter o processo da vida, que se busca compreender o significado de uma epistemologia naturalizada no pensamento de Dewey. Considerando esta perspectiva naturalista adotada por Dewey, discutiremos a relação de continuidade e não separação entre filosofia e ciência, tendo em vista que o próprio autor discute em sua obra *Experiência e Natureza* (1980) que a filosofia não está separada da experiência. Esta concepção sustenta que a inteligência humana vai encontrando as melhores soluções necessárias ao processo de adaptação e readaptação ao meio que vive, sendo assim, o conhecimento para o filósofo norte-americano parte do processo experiencial, tendo na experiência o principal sustentáculo. Sabe-se que para Dewey não faz sentido falar de uma *experiência transcendental*; ao contrário, sua vertente naturalista descreve o cérebro e o sistema nervoso enquanto órgãos de ação e padecimento; agem sobre o meio e sofrem ações externas. Com base neste quadro de referência, busca-se conhecer e caracterizar a concepção de conhecimento sustentada por Dewey. A partir desta descrição naturalista, se quer investigar o conceito de “experiência” enquanto categoria básica da obra de Dewey do livro *Experience and Nature* [Experiência e Natureza] (1925). Considerando na acepção de Dewey o caráter temporal das coisas experienciadas, segundo o qual não se concebe noções como a “*transcendência*” do conhecimento, a investigação se concentrará no estudo do conceito de experiência e das características de uma epistemologia naturalista.

Palavras-chave: Experiência. Epistemologia Naturalizada. Instrumentalismo. Pragmatismo.

## 1. Experiência e Natureza

No seu livro *Experiência e Natureza* (1925), Dewey reclamou um novo contexto filosófico em que as noções de *experiência* e *natureza*, que historicamente foram avaliadas como incompatíveis, pudessem ser compreendidas em unidade. Na tradição racionalista, essas categorias só são compreensíveis quando ligadas a algo não natural e transcendental. Coisa semelhante acontece também na tradição empirista, na qual o

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pelo PPGFIL- Programa de Pós Graduação em Filosofia – UFPI: Email: [maurozan29@hotmail.com](mailto:maurozan29@hotmail.com)

materialismo mecanicista trata de empregar a ideia de que a natureza só pode ser interpretada como algo mecanicamente determinado, fruto das relações de causalidade e dos princípios empíricos e materiais<sup>2</sup>.

Este autor declarou que o grande vício da filosofia tradicional foi o intelectualismo arbitrário. Arbitrário em virtude da ideia de superioridade das questões intelectuais em detrimento das questões da experiência. A separação clássica entre aparência e realidade aparece na cultura ocidental como um problema tão insolúvel que por conta destas antinomias cria um fosso que separa a teoria da prática e garante a perpetuação dos dualismos. Esta tradição abriu um abismo entre a experiência humana e a natureza. Dewey ao contrário, defende o caráter unificado, orgânico, globalizador e dinâmico da experiência. O anti-intelectualismo de Dewey não implica em menosprezar a inteligência e a razão, o que ele pretende é atribuir-lhes capacidade de tomar os dados da experiência para elevá-los à condição de objetos da reflexão, com a finalidade de obter um conhecimento marcado pela instrumentalidade.

Conforme Dewey, o intelectualismo, predominante na filosofia tradicional, contraria os fatos, pois “as coisas são objetos para ser manuseados, utilizados, trabalhados, gozados e sofridos, mais do que coisas conhecidas”<sup>3</sup>. Esse intelectualismo tornou-se, como método, soberano em filosofia; ele permanece alheio aos fatos da experiência primária, não só obrigando à adoção do método não empírico, mas também levando à concepção do conhecimento apenas por esse viés. Dewey propõe que pensemos de outro modo, afirmando que o conhecimento só faz sentido se for concebido como uma atividade inteligente, agregando a complexidade da experiência e operando no mundo por meio dos processos ação e reflexão.

Desse modo, Dewey se concentra na caracterização e na discussão dos dois tipos de experiência: a experiência ordinária, primária, e a experiência secundária, resultante da adoção dos procedimentos intelectuais de análise. Com essa opção ele pensa superar as visões clássicas da filosofia que mesmo tendo por objetivo sair dos esquemas dualistas terminaram por novamente proceder às hierarquizações e às classificações da realidade atribuindo valor de superioridade a dimensões do mental em detrimento do material, mas contraditoriamente, desenvolvendo pretensas sínteses envolvendo uma realidade superempírica ou transcendental.

---

<sup>2</sup>DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 3.

<sup>3</sup>DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 17.

Ocorre que, ao desenvolver sua tese seminal em torno do conceito de *experiência*, Dewey se presta a todos os tipos de crítica, provavelmente, pela utilização de um termo de difícil definição. Na linguagem comum a palavra *experiência* é praticamente não analisável, pois se refere a algo gradativamente adquirido, que aceitamos sem muitos questionamentos. Quando somos chamados a falar da *experiência* dizemos que ela é direta e imediata. Entretanto, podemos também encontrar, na maioria das vertentes teóricas, a noção de experiência na dimensão da consciência privada separada da natureza e do mundo, ou seja, algo subjetivo e exclusivamente mental, separado do estado objetivo das coisas<sup>4</sup>.

Em muitos casos a experiência foi concebida pelas doutrinas tradicionalistas como algo não natural. Assim, são apresentados a experiência humana e a vida natural como incompatíveis. Dessa forma, a experiência é pensada numa direção totalmente distinta, ela é vista de forma abstrata separada da sua concretude e crueza. A experiência é concebida de um modo ideal e irreal. O que é curioso é que a tendência de desacreditar a experiência humana concreta não é requisito apenas da conduta da filosofia profissional, mas é algo que vai muito além das preocupações técnicas. Na verdade a filosofia se apropria de uma subjetivação exagerada do que se passa na experiência popular.

## 2. A filosofia da Experiência

Para Dewey, tanto a filosofia quanto a ciência, à religião e as artes fazem parte da cultura, partilhando as suas tensões e suas distorções incontornáveis. Esta tese social é consequência da sua explicação naturalizante da experiência. Dewey mostra a necessidade de se utilizar a técnica de análise do método histórico e genético para compreender o processo de formação da consciência, as explicações metafísicas e a recusa do pensamento ocidental dominante às filosofias da experiência. Com essa análise ele quer descobrir as origens das dualidades presentes nas primeiras experiências do ser humano, marcadas pelas primitivas reações do homem a seu entorno e o congelamento subsequente dessas respostas pelas instituições sociais. Este tipo de análise histórica orienta toda a sua filosofia. Embora Dewey nunca tenha escrito uma grande obra sobre a história da filosofia, todos os assuntos por ele examinados o foram

---

<sup>4</sup>GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective** - a reassessment. New York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958, p.07.

a partir de uma perspectiva histórica. Como frisamos subjacente a esse interesse está à suposição evolucionista de que os problemas filosóficos têm uma história natural, como no caso do dualismo clássico entre realidade e aparência.

Em *The Quest for Certainty* [A Busca da Certeza] e muitos outros lugares, Dewey nos revela que as raízes dos dualismos devem ser buscadas mais atrás, isto é, no momento em que o homem vive em mundo onde reina o acaso e o mesmo se vê obrigado a buscar segurança, de maneira que institui dois caminhos básicos para este fim: um caminho a favor do sagrado mediante o *culto* e o *rito* ou o caminho de mudanças mediante a *ação*, isto é, mediante a sua capacidade de invenção e arte. Há uma secular desconfiança em relação ao conhecimento das artes, o conhecimento prático e o artesanal. Portanto, o intento de dominar o meio ambiente e colocá-lo a serviço do homem se opõe a subjetiva ideia de segurança e conforto. Conforme Dewey a esfera da atividade considerada “sagrada”, do extraordinário ou do intocável assume uma supremacia de valor em detrimento da mudança e da invenção. Como consequência surge à separação radical entre o mundo espiritual e o mundo da prática<sup>5</sup>.

Richard Rorty escreveu que autores como Dewey e Heidegger cada a seu modo foram eficientes na descrição do diagnóstico e origem dos dualismos. Enquanto Heidegger escreveu como a ontologia grega cindiu o homem ou promoveu a desintegração do Ser, Dewey revelou que a filosofia desenvolveu a competição entre argumentos e a interpretação técnica do pensamento, separando a contemplação da ação<sup>6</sup>. Esta é uma posição que reforça a ideia que Dewey desenvolve um pensamento pós-filosófico que dar como acabada a filosofia como “epistemologia”, isto é, como episódio da cultura ocidental baseado no paradigma do espectador<sup>7</sup>.

Portanto, para designar sua concepção de experiência, Dewey, inicialmente, utiliza-se das expressões *naturalismo empírico*; *empirismo naturalista* e *humanismo naturalista*<sup>8</sup>. Esta designação é uma forma de restaurar a *continuidade* entre experiência e natureza de modo que a experiência se apresente como único método válido para dominar a natureza e a natureza por sua vez enriqueça e dirija o desenvolvimento final da experiência.

A concepção de experiência em Dewey se sustenta com base nos seguintes aspectos: Toda experiência é uma situação: chamamos de situação a interação e as

<sup>5</sup>TUDELA, Jorge Perez de. **El Pragmatismo Americano**. Madrid. Editora Sinteses, 2000, p 169.

<sup>6</sup>RORTY, Richard. **Consequências do Pragmatismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1982.

<sup>7</sup>TUDELA, Jorge Perez de. **El Pragmatismo Americano**. Madrid. Editora Sinteses, 2000, p 168.

<sup>8</sup>DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p.1a.

transações que ocorrem em condições ambientais determinadas segundo a qual um organismo que tem como identidade uma função vital produz para si uma síntese entre a coisa experimentada e o processo de experienciar<sup>9</sup>. Desde os processos mais simples aos mais complexos, a experiência é o ponto de partida e de chegada da investigação. A experiência é atividade, por este motivo a biologia tem mostrado que não há vida sem atividade dos organismos e deste ponto de vista a experiência é uma *ação*. Por esta lógica, as ciências naturais não apenas extraem seu material da experiência primária, como também regressam a ela a fim de serem testadas. A experiência regula a própria experiência, isto é, toma a experiência anterior não como modelo, mas pela possibilidade de aperfeiçoá-la: esta é a “essência” do fazer científico.

Por esta lógica, Dewey se opõe ao conceito grego de experiência, bem como ao conceito de experiência do empirismo não experimentalista de tradição britânica. Nenhum deles pode livrar-se da falácia filosófica de querer converter os objetos do conhecimento em entidades autônomas e ideais separada de toda relação com os procedimentos práticos. Nem o empirismo clássico nem racionalismo com seu apego pelo universal e sua conseqüente busca por princípios estáticos para assegurar a nossa compreensão cognitiva do mundo, puderam aproximar a experiência humana da natureza, pois não consideram o método experimental. Com base nesta constatação, Dewey argumentou que a filosofia precisa utilizar outro método de investigação. Assim, o método empírico e o espírito científico enquanto inquirição e como experiência exigirá o uso de teorias e hipóteses, devendo ser estendido a outras áreas da cultura, em especial à filosofia<sup>10</sup>.

Não há outra forma de compreender a experiência do conhecimento a não ser pela relação entre os processos não cognitivos e os processos cognitivos. Pensar a experiência sem a unidade entre esses processos é condição para obter determinados tipos de conclusões envolvendo entidades extranaturais ou sobrenaturais. Quando não considera essa unidade, a filosofia segue seu padrão clássico, ou seja, elege os dados espirituais, o predomínio do mental sobre as outras esferas da vida.

### 3. O naturalismo deweyano

---

<sup>9</sup>TUDELA, Jorge Perez de. **El Pragmatismo Americano**. Madrid. Editora Sintesis, 2000, p 181..

<sup>10</sup>DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p.4

Como já descrevemos o evolucionismo de Darwin foi muito significativo para a explicitação da epistemologia naturalista e realista de Dewey. No ensaio “A influência do Darwinismo na Filosofia”(1909), Dewey revelou o quanto que a combinação das palavras “origem” e “espécie” trouxeram de estranheza e revolta no campo das ideias, isto porque introduziria na concepção dominante um novo talento intelectual. As filosofias da natureza e do conhecimento que haviam predominado há mais de mil anos converteram-se numa espécie de guardião da mente ou *locus* privilegiado de onde provem uma suposta superioridade sobre a ideia de fixo e imutável. Ao contrario, a mudança foi descrita como um signo defeituoso, sinônimo do errôneo e não real.

Em virtude disto Dewey afirma que quando Darwin pôs suas mãos sobre a arca sagrada da permanência e das formas fixas e absolutas e começou a tratar as ideias de fixidez e perfeição como algo que deveria desaparecer, ele apostou que “A origem das espécies” introduziria um modo de pensar diferente, obrigando o conhecimento a operar sob outra lógica e estendendo essas descobertas para o campo moral, político e religioso.

Conforme Dewey o evolucionismo darwinista trouxe uma crise impactante no campo do conhecimento estabelecido, porém a preocupação principal de Darwin não estava nas querelas religiosas, mas sim nas disputas que se davam dentro da própria ciência. Ele tinha absoluta clareza da força das controvérsias religiosas, mas o que lhe proporcionou mais provocações foi às controvérsias no campo científico, já que para ele “as emoções religiosas não são criativas e sim conservadoras”. Dewey escreve “os homens poderosos que se insurgiram contra Darwin tinha uma intensidade de caráter religioso, porém esta origem e significado poderiam ser buscados na ciência e na filosofia”<sup>11</sup>.

Como escreve Geiger<sup>12</sup>, Dewey nasceu em 1859, o ano em que Darwin publicou “A origem das espécies”. Isto em si é apenas uma coincidência casual, mas para bem longe da mera casualidade, o fato é que Dewey viveu por quase noventa e três anos, justamente no período em que as teorias darwinistas tiveram seu maior impacto. Dewey tem uma visão de longo prazo do desenvolvimento de novas ciências e tecnologias, bem como da colisão entre essas ideias e os costumes de uma cultura pré-evolucionista e pré-naturalista.

<sup>11</sup>DEWEY, John. La Influencia del darwinismo en la filosofia(1909) In: FAERNA, Ángel MANUEL. **Dewey: la miseria de la epistemología**. Madrid, Editora Biblioteca Nueva, 2000, p.50.

<sup>12</sup>GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective** - a reassessment. New York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958, p.16.

Dewey sugere uma noção de evolução que aceite a continuidade biológica, que inclua, entre outras coisas, a crença de que seres vivos não são divididos em seu ambiente de forma irrecuperável e que a experiência consciente e a natureza não são incompatíveis. O conhecimento é, portanto, uma questão de participação vital no mundo. Assim, a tendência pragmatista, nessa versão deweyana, entende o conhecimento como adequação entre os seres humanos e seu ambiente, com isso se insurgindo contra as construções metafísicas clássicas que buscam o fundamento último da realidade, obtido pela via transcendental.

Com efeito, para Dewey, a experiência não pode ser vista como distinta da natureza, ela é algo que a penetra e nela se expande sem limitações. Tudo que existe é resultado de um processo de relações mútuas, pelos quais os corpos agem uns sobre os outros, modificando-se reciprocamente. A experiência é esse processo pelo qual um corpo age sobre outro corpo e dele sofre uma reação. Dewey parte de um conceito amplo de experiência, considerando não apenas os atributos puramente racionais. O que caracteriza a experiência nessa abordagem é a sua dinamicidade, que se realiza de dois modos: ela é ativa quando age sobre algo e sua ação produz consequências; ela é passiva quando sofre ou passa por alguma coisa e recebe as consequências de sua ação. O processo implica a qualidade da ação, de maneira que não existe nem pura atividade nem pura passividade: a experiência envolve simultaneamente esses dois processos.

Dewey argumenta que a metafísica tradicional respaldou a divisão entre a ciência de um lado e os valores morais e a religião de outro. A ciência ficava subordinada a uma explicação naturalista e a filosofia investida de autoridade para tratar das questões transcendentais sob a lógica desta mesma divisão. Dewey reitera que a natureza e a realidade e tudo que brota de seus processos estão permeados da complexidade, da heterogeneidade, bem como de uma visão sistêmica. A postura dualista caracterizada pela distinção entre o particular, entendido como a experiência dos fatos singulares, e o universal, ou seja, as leis e princípios gerais racionalmente determinados resultam em uma posição reducionista. Neste sentido, o autor argumentou que se a experiência assim fosse concebida, estaria apartada de seus componentes principais, ou seja, da relação com o ambiente, dos dados, das sensações, da experiência primária. O autor desenvolve uma explicação naturalizante para esclarecer as situações pelas quais se originaram as distinções arbitrárias entre experiência e natureza e como devem ser superadas.



Todo o esforço intelectual do pragmatista foi apresentar uma tese para a superação dos dualismos metafísicos que contaminaram a filosofia. Neste sentido como demonstramos o método que contribui com a fixação das crenças deve ser o experimental. A filosofia tradicional, conforme observa Dewey não aceita a adoção de um método que não seja o especulativo. Desse modo, o apego dos filósofos ao que é simples, o seu amor pelos “elementos” é algo recorrente na história da filosofia. No entanto, a experiência bruta está carregada do emaranhado e do complexo, mas a filosofia se apressa em fugir para longe dela a fim de procurar algo mais simples sobre o qual possa repousar. Ao buscar estabelecer a noção estática de *permanência*, de *essência real*, de *totalidade*, as filosofias clássicas apelam para *predicados laudatórios*.<sup>13</sup>

Com base numa teoria de cunho evolucionista, o pragmatismo de Dewey revela que os organismos fisiológicos, seja o homem, sejam os animais inferiores, empenham-se em adaptações ao ambiente para manter o processo da vida. Em relação ao homem Dewey declara que, no processo vital, a inteligência humana vai encontrando as melhores soluções que visam à experiência, este acréscimo qualitativo é inerente ao processo de adaptação. O cérebro e o sistema nervoso são órgãos de ação e padecimento, agem sobre o meio e sofrem ações externas. Se não há quebra de continuidade natural e histórica, a experiência cognitiva tem sua origem na experiência de tipo não cognitivo. Para Dewey, não faz sentido falar de uma *experiência transcendental*. Somente quando o caráter temporal das coisas experienciadas é esquecido é que se concebem noções como a “*transcendência*” do conhecimento<sup>14</sup>.

Neste sentido, a *experiência* só pode ser entendida a partir dos processos interacionistas. Um organismo pode estar envolvido em formas simples e limitadas de articulação consigo mesmo e seu entorno, como acontece com as formas mais simples de comportamento biológico ou pode estar envolvido numa atividade mais rica e extremamente complexa, de natureza intelectual. De todo modo, esse processo implica relações nas quais se obtêm acréscimos decorrentes da interação dos organismos. Esses

---

<sup>13</sup>Permanence, universals, over plurality, change and particular is pointed out, as well as its effect in creating the traditional notion of substance, now undermined by physical science. The tendency of modern science to substitute qualitative events, marked by certain similar properties and by recurrences, for the older notion of fixed substances is shown to agree with the attitude of naïve experience, while both point to the idea of matter and mind as significant characters of events, presented in different contexts, rather than underlying and ultimate substances. DEWEY, John. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. XI.

<sup>14</sup>SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 150.



acréscimos são mudanças qualitativas adquiridas no processo de experienciar. Trata-se de uma equação que é aditiva porque o organismo é uma parte do mundo natural e não um obstáculo à parte. Isso envolve, portanto, uma ocasião para a continuidade e não para o inverso<sup>15</sup>.

Nossas experiências sensitivas e intelectivas resultam de processos naturais. Assim, os componentes principais de nossa relação com o ambiente podem ser traduzidos na experiência anterior ao pensamento reflexivo, ou seja, na experiência primária, sem a qual nossas aptidões cognitivas não teriam se desenvolvido. Dewey apresenta a ideia de *conexão* e não de *oposição* entre os dados da realidade e o pensamento, valorizando assim na experiência a noção de *continuidade*. Tudo está em comunicação, em processo, há um *fluxo contínuo na experiência*<sup>16</sup>.

Como se vê Dewey toma do darwinismo a perspectiva sobre o *fluxo dos acontecimentos* e a noção de *continuidade*. É evidente que o único modo de manter a doutrina da *continuidade natural* consiste em reconhecer os aspectos derivados e secundários das experiências intelectuais ou cognitivas. Ocorre que, diferentemente das posições clássicas, essa compreensão não representa uma hipertrofia da dimensão intelectual. Como se percebe, a sua teoria naturalista da experiência não toma o pensamento como algo autônomo e independente, o pensamento é compreendido como uma fase biológica da experiência do organismo. Na interpretação de Shook, Dewey discute os estágios do pensamento enquanto aspectos funcionais da solução prática de problemas à medida que os humanos encontram instrumentos melhores para interagir com a natureza<sup>17</sup>.

O naturalismo nos leva a perceber que, a partir das suas interações com o ambiente, um organismo experiente pode estabelecer previsões em relação aos acontecimentos futuros, de tal maneira que a situação presente seja inserida na história do *fluxo dos acontecimentos*. Com base nessa compreensão naturalista da experiência, Dewey passa a desenvolver a defesa do método empírico em filosofia, cuja aplicação faz com que o pensamento, operando a partir das contingências observadas, se desenvolva de maneira integrada com a realidade. Desse modo, a função principal da

---

<sup>15</sup>GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective** - a reassessment. New York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958, p. 19.

<sup>16</sup>DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 28.

<sup>17</sup>SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 150.

inteligência humana é conduzir a investigação, que é fundamentalmente resolução de problemas.

#### 4. Considerações Finais

O papel do pensamento e da nossa reflexão resulta da modificação que imprimimos aos nossos hábitos, criando novas condições de adaptação, decorrentes do fluxo e refluxo da experiência. O ganho qualitativo a partir da experiência é resultado da utilidade da inteligência referida à previsibilidade. Este naturalismo sustenta que a realidade da qual a experiência humana faz parte é contínua, não dá saltos. Assim, onde quer que haja vida, há comportamento, há atividade, e, para que a vida possa continuar, necessário se torna que essa atividade seja, a um tempo, contínua e adaptada ao meio ambiente<sup>18</sup>.

Assim, a relação entre *experiência e natureza* apresentadas em comunhão fundamentam o método do pragmatista que rejeita as filosofias aprioristas. Sua conclusão é que toda explicação empírica e experimental está relacionada à atividade teleológica da inteligência. A atividade inteligente envolve um processo de aprendizagem por meio de ações criativas que se desenvolvem na experiência, visando à superação de obstáculos que impedem a realização dos objetivos almejados. Esse crescimento é resultante de estágios que o pensamento percorre e que darão ao indivíduo um aumento de força e flexibilidade na tarefa de resolução de atividades mais complexas. Portanto, o progresso da inteligência humana resulta da sua constante atividade, resulta da nossa capacidade instrumental de agir no mundo, de resolver problemas<sup>19</sup>.

#### Referências Bibliográficas

DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958.

DEWEY, John. La Influencia del darwinismo en la filosofía(1909) In:FAERNA, Ángel MANUEL. **Dewey: la miseria de la epistemología**. Madrid, Editora Biblioteca Nueva, 2000, p.50.

---

<sup>18</sup> DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 103.

<sup>19</sup> SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A , 2002, p. 138.

GEIGER, G. R. **John Dewey in Perspective** - a reassessment. New York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958.

SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 150.

TUDELA, Jorge Perez de. **El Pragmatismo Americano**. Madrid. Editora Sinteses, 2000, p 168.

RORTY, Richard. **Consequências do Pragmatismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1982.